

Ensino híbrido: os desafios e as oportunidades da metodologia

Especialistas explicam como o método que surgiu em meados dos anos 2000 ganhou força com a pandemia





Desde março de 2020, com a implementação do distanciamento social como forma de prevenção à transmissão do novo coronavírus e o cancelamento das aulas presenciais, a expressão “ensino híbrido” ficou mais presente no cotidiano de educadores, escolas, pais e/ou responsáveis e alunos.

A implementação das aulas remotas trouxe desafios e novas experiências e também causou muitas dúvidas. O ensino híbrido, por exemplo, à primeira vista, parece estabelecer a simples junção entre as aulas presenciais tradicionais e as a distância. No entanto, o conceito de híbrido vai muito além de apenas mesclar o ambiente real e virtual e surgiu anos antes da pandemia.

O Coordenador de Licenciatura do Senac EAD e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), Caio Augusto Alves, explica que muitas definições sobre o assunto circulam nas discussões

educacionais, mas que a mais adequada é aquela que define o ensino híbrido como uma metodologia. “Isso significa que ele precisa ser fruto de um processo pensado por especialistas na área, que visam combinar o que há de melhor no ensino presencial com as possibilidades do *online*”, diz.

Dr. Alves também explica que o ensino híbrido é um conceito que surgiu na década de 1960, nos Estados Unidos, onde é conhecido pelo termo *Blended Learning*. “A partir da popularização dos computadores, houve a incorporação dessas máquinas nos processos de aprendizagem já a partir de 1970”, afirma o especialista, que completa: “há dez anos, no Brasil, era comum o termo ‘ensino semi-presencial’, já que houve um aumento na oferta de cursos desse tipo. Atualmente, o conceito de ensino híbrido veio em substituição a essa abordagem, na medida em que conseguimos acumular experiências e pesquisas científicas sobre as estratégias desse tipo”.



O ensino híbrido tem como objetivo aliar métodos *on* e *offline* numa época em que as crianças começam a utilizar e a ter contato cada vez mais cedo com a tecnologia, seja por meio de computadores, *smartphones* e *tablets*, seja até mesmo via *Smart TVs*. Sendo assim, é imprescindível que as instituições procurem usar ferramentas tecnológicas para potencializar o aprendizado dos alunos, atraindo sua atenção e fomentando a curiosidade, bem como a capacidade de eles mesmos buscarem informações diferentes, aprofundando-se no conteúdo proposto. Em suma, o ensino híbrido tem a responsabilidade de captar aquilo que existe de bom em cada ambiente e potencializar a experiência educativa.

De acordo com o Dr. Alves, na grande maioria dos casos percebe-se somente tentativas de oferta do ensino semipresencial, em que realmente há uma mistura entre o *online* e o presencial, sem um esforço de construção metodológico. “É justamente nesse ponto que está a diferença entre os dois conceitos: o semipresencial simplesmente mistura duas lógicas. Pode-se até chegar a um método, mas este não foi pensado à luz de outras possibilidades e entendimentos sobre o tema, o que faz inúmeras instituições atuarem de forma descontextualizada”.

Para ele, a construção metodológica deve necessariamente analisar boa parte das possibilidades, dos métodos, das técnicas e estratégias que estão à disposição para que, então, seja adotado o procedimento que mais se adeque ao contexto educacional visado pela instituição de ensino. Dr. Alves ressalta, ainda, que não é possível fazer essa construção sem pesquisa científica e sem o suporte de especialistas na área, o que realmente não é comum nas escolas; muitas vezes, gestores sem formação educacional especializada tomam decisões sem considerar alguns detalhes importantes.

Em pleno século 21, na chamada Era da Informação, mais do que nunca é importante planejar a educação levando em consideração as responsabilidades, preocupações e circunstâncias de todos. Contudo, primeiramente, as discussões sobre a aplicação do ensino híbrido necessitam apontar que este é um conjunto muito maior de recursos e abordagens do que apenas mesclar ensino a distância e presencial.

Fica claro que, embora seja uma tendência potencializada pela pandemia e pela necessidade de manutenção do distanciamento social, o ensino híbrido já é implementado em escolas há anos, mesmo que a nomenclatura nem sempre seja empregada com clareza.

Para Luciano Sathler, PhD em Administração, membro do Conselho Científico da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED) e reitor do Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, a pandemia acelerou algumas tendências que já estavam presentes, ainda que antes fossem adotadas esparsamente. “O retorno das aulas e atividades presenciais será intermitente ou alternado, o que exigirá a adoção de um ensino híbrido de qualidade, um programa em que o discente tenha alguma flexibilidade quanto ao tempo, local, ritmo de estudos e sobre as trilhas de aprendizagem a serem cursadas”, diz o especialista, que também foi o primeiro pró-reitor de educação a distância no Brasil.

Para Sathler, à medida em que a maioria das instituições educacionais implementar seu próprio modelo de ensino híbrido, será mais fácil comparar os modelos, abordagens, metodologias e resultados de cada uma. “Nesse sentido, é fundamental que a qualidade e a eficácia se aliem à eficiência da gestão, para proporcionar e privilegiar condições de se buscar excelência”, afirma.

O potencial do ensino híbrido e seus pontos fracos

Especialistas concordam que há desafios a serem superados na implementação do ensino híbrido, mas que também há oportunidades. Para Luciano Sathler, por exemplo, a metodologia tem o potencial de aumentar a flexibilidade das escolas para atenderem alunos e professores que deverão frequentar os espaços físicos em dias e horários alternados. “Para reduzir as necessidades de infraestrutura, o ensino híbrido oferece alternativas economicamente sustentáveis para desenvolver programas de recuperação e a reorganização do calendário escolar”, diz.





Já para o Dr. Caio Augusto Alves, a vantagem é juntar o melhor do ensino *online* e presencial de maneira precisa e significativa. “Mas isso depende de muito estudo e ações bem pensadas. Da mesma forma, a desvantagem é elevar à potência os problemas dessas duas formas de ensino, o que certamente dificulta para a instituição alcançar seus objetivos”, diz.

Dr. Alves ainda levanta alguns exemplos comparando a eficácia do ensino presencial no desenvolvimento da autonomia discente ao ensino *online*, uma vez que o virtual é mais eficiente no aproveitamento de materiais didáticos, visto que lida melhor com as mídias. “Conhecendo bem o público que se pretende alcançar, com objetivos bem definidos e com um vasto conhecimento sobre todas as possibilidades das duas lógicas, é possível construir metodologias precisas e que podem levar qualquer aluno a ser autônomo para acessar conteúdos e desenvolver competências e habilidades de maneira significativa e ativa”.

O especialista, por outro lado, ainda comenta ser sabido que um dos pontos fracos do ensino presencial, mais precisamente do presencial tradicional, é justamente a centralização do professor, expressada, por exemplo, no controle da frequência e da disciplina, que leva a entender que um aluno assíduo e disciplinado é um bom aluno. “Já o ensino *online* possui, também, dentro do seu conjunto de pontos fracos, a dificuldade em alcançar as particularidades de cada discente, já que o contato individual é refreado”.



Os efeitos em longo prazo

Dadas as circunstâncias impostas pela pandemia do novo coronavírus, a maioria dos países adotou como medida de prevenção o distanciamento social. No Brasil, embora cada estado e cidade mantenha suas próprias decisões, desde março de 2020 não há mais salas de aula e corredores cheios nas escolas, pelo contrário; aquelas instituições que foram autorizadas a abrir as portas passam por um momento diferente de tudo o que foi vivido até aqui. A maioria delas tem funcionado, em média, com a capacidade de ocupação das salas entre 25% e 40%, mantendo, ainda, o distanciamento entre as carteiras.

Em um primeiro momento, há pouco mais de um ano, o ensino remoto foi a solução encontrada com urgência, adotada para lidar com a situação naquele contexto. Não houve tempo para estudos, reflexões e análises sobre as mudanças repentinas implantadas, visto que não há, por parte dos especialistas, um consenso sobre o que seria o ensino remoto. Um exemplo disso é que cada instituição criou uma forma de ensino remoto condizente com suas rotinas e seu trabalho. O Dr. Caio A. Alves explica que os resultados de pesquisas sobre o cenário ainda não foram divulgados em quantidade suficiente de modo que seja possível obter um “Estado da Arte” sobre as mudanças. “Algumas pesquisas apontam ações bem-sucedidas, mas a maioria indica muitas falhas nas tentativas”, alega.

O especialista complementa: “por outro lado, observa-se um relativo aumento no número de transferências de alunos do presencial para a modalidade a distância, o que revela tais falhas do ensino remoto.





Esse fato aponta uma tendência, a de que os números de matrículas na modalidade a distância, que já estavam em ascensão, agora foram impulsionados”.

O preconceito sobre o ensino *online* também foi abordado por Dr. Alves. Ele acredita que com mais professores formados a distância, esses preconceitos serão desmistificados. “Isso alavancará tanto o uso dessa forma como o uso do ensino híbrido também. Acredito que estamos nos aproximando de um ponto de não retorno do uso do *online* pelas instituições”.

As ferramentas para o uso híbrido

Atualmente, há uma infinidade de ferramentas interessantes para colaborar com a implementação do ensino híbrido pelas escolas. A **Editora do Brasil**, por exemplo, apresenta uma série de parcerias exclusivas com soluções que visam tornar as escolas cada vez mais digitais e alinhadas às práticas pedagógicas inovadoras, trazendo, também, praticidade, dinamismo, tecnologia e conteúdos didáticos essenciais para as aulas. São ferramentas que otimizam tempo e custos e alavancam o desempenho dos alunos. Para conhecer cada uma delas, basta acessar o *site* https://issuu.com/editoradobrasil/docs/catalogodeparcerias_final.

Para o Dr. Alves, as ferramentas ganham significado no ensino híbrido quando correspondem a uma determinada metodologia dentro de um contexto. Ele ilustra a ideia com um exemplo: “imagine

uma turma de alunos do Ensino Médio em uma comunidade periférica de uma grande metrópole. O professor de Geografia, no caso, pretende abordar problemas urbanos, com o objetivo de levar seus alunos a reconhecerem problemas do espaço urbano no próprio ambiente em que vivem, que é uma habilidade exigida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com uma boa plataforma, esse professor pode ofertar vídeos, textos e materiais didáticos para que seus alunos elaborem mais seus conhecimentos prévios em casa antes de um encontro. Já no presencial, o professor pode propor o debate desses conhecimentos e elaborar um plano de atividade em que seus alunos filmem problemas urbanos em seus próprios celulares. Esses vídeos podem compor uma mostra audiovisual”, diz.

Para ele, fica claro que a implementação de uma estratégia dessas exige conhecer a infraestrutura a qual os alunos têm acesso, assim como a relação que eles podem ter com suas comunidades. “Enfim, essa gama de estudos compõe o que chamamos de metodologia, que é justamente o que difere o ensino híbrido do ensino remoto ou semipresencial”, completa.

O exemplo trazido pelo Dr. Alves ilustra que mais do que listar ferramentas que muitos já conhecem, a potencialidade do ensino híbrido está no uso e na relação entre essas ferramentas, que organizam as estratégias de aprendizagem. Assim como é





possível combinar o *online* com o presencial a depender da metodologia, também é possível fazer uso de uma infinidade de estratégias, cada uma com aplicações diferentes.

Como aplicar o ensino híbrido em sala de aula

O primeiro passo para que as instituições possam aplicar o ensino híbrido é planejar. Não existe uma fórmula pronta ou mágica para isso, pelo contrário; nesta metodologia há diversas técnicas que podem ser empregadas e desenvolvidas e que contam, inclusive, com a participação dos alunos para seu desenvolvimento.

Para Luciano Sathler, o ensino híbrido é uma abordagem que pode ser adotada em qualquer nível de escolaridade, da Educação Infantil ao Ensino Superior. Entretanto, para cada idade são necessárias estratégias diferentes, com metodologias próprias que levem em conta a etapa de desenvolvimento e os objetivos educacionais a serem alcançados. No caso das crianças, é recomendável que as atividades *online* sejam lúdicas e não substituam o tempo usualmente dedicado aos encontros presenciais.

As modalidades do ensino híbrido

Há alguns métodos de aplicação do ensino híbrido mesmo na educação presencial e não existe receita pronta. Cada professor pode e deve avaliar o perfil dos alunos individualmente e da sala como um todo para entender quais são as modalidades mais efetivas para cada caso. Algumas das modalidades mais comuns são:

Sala de aula invertida: nesse caso, o aluno acessa, lê e estuda a teoria de uma disciplina em casa, no ambiente virtual. Em seguida, organizam-se discussões e dinâmicas de grupo no ambiente físico escolar. Considera-se que o contato prévio do aluno com a disciplina em casa potencializará ainda mais seu desempenho, uma vez que ele trará para os colegas a sua própria bagagem de conhecimento.

Rotação de laboratórios: é um método que divide a sala de aula em dois grupos. Enquanto um é responsável por realizar tarefas em ambiente virtual, o outro se concentra em ações *offline*. A rotação acontece por um período de tempo, e, em seguida, os grupos se invertem. É importante lembrar que esse método exige a utilização de laboratórios de informática e de ciências, assim como de salas de aula, e a disponibilidade de professores para oferecer suporte e orientações que se façam necessários.

Rotação por estações: a turma é dividida em estações, e cada uma delas é independente uma da outra, contando com objetivos específicos. As conclusões de cada estação se completam ao final, valorizando a capacidade de colaboração e o desempenho individual de cada um dos alunos. A rotação dos estudantes por cada uma das estações é fundamental para que todos eles passem pelas mesmas experiências.

Como implementar o ensino híbrido na escola

O primeiro passo é entender que, para que a implementação do ensino híbrido tenha êxito, é preciso realizar mudanças que passem pela infraestrutura, pelos currículos, pelas práticas pedagógicas e até mesmo pela formação dos professores. Obviamente, dispor de recursos tecnológicos que garantam o uso do ambiente virtual de modo adequado é imprescindível, assim como saber usar as modalidades de ensino *online* e *offline* como estratégias complementares.

É possível que durante a implementação haja a necessidade de adaptações. Para isso, ouvir os alunos e as novas gerações vai torná-los mais envolvidos com o processo educacional. Quando o assunto é educação, a tecnologia pode e deve ser uma aliada, e não ser considerada uma distração.





Editora do Brasil

Presidente:

Aurea Regina Costa

Diretor Geral:

Vicente Tortamano Avanzo

Diretor Comercial:

Bernardo Musumeci

Diretor Editorial:

Felipe Ramos Poletti

Gerente de Marketing e Inteligência de Mercado:

Helena Poças Leitão

Gerente de PCP e Logística:

Nemezio Genova Filho

Supervisora de CPE:

Roseli Said

Coordenadora de Marketing:

Livia Garcia

Analista de Marketing:

Miki Tanaka

Realização

Diretora de Redação:

Helena Poças Leitão

Coordenação Editorial:

Livia Garcia

Colunista:

Stéphanie Habrich

Conteúdo:

Agência Bowie

Revisão:

Rhamyra Toledo

Direção de Arte,

Projeto Gráfico e Diagramação:

Z1 Estratégia e Comunicação

Jornalista Responsável:

Helena Poças Leitão - MTB 44375/SP

Central de Atendimento

E-mail:

atendimento@editoradobrasil.com.br

Telefone:

0300 770 1055


WhatsApp:


11 99329 5316

Redes Sociais

 facebook.com/editoradobrasil

 youtube.com/editoradobrasil

 instagram.com/editoradobrasil_oficial

 twitter.com/editoradobrasil

www.editoradobrasil.com.br

Editora do Brasil

Rua Conselheiro Nébias, 887
São Paulo, SP — CEP: 01203-001

SUMÁRIO

-
- 6** Ensino híbrido: os desafios e as oportunidades da metodologia
-
- 14** *Homeschooling*: as didáticas e os desafios do ensino liderado pelas famílias
-
- 16** Bases da alfabetização: o que a PNA traz de novo para a Educação Infantil?
-
- 20** Os impactos no desenvolvimento socioemocional dos alunos em cada fase do ensino
-
- 22** Estudo dos ODS pode tornar a cultura da escola um catalisador para mudanças
-
- 28** O abandono paterno e as suas consequências para a infância
-
- 30** Educação Infantil em tempos extraordinários
-
- 32** Trabalhar em casa ou morar no trabalho? Como se desligar da rotina durante a quarentena
-
- 34** Os desafios da educação inclusiva em tempos de pandemia
-
- 38** Evento exclusivo da **Editora do Brasil** reúne educadores e palestrantes em debates contemporâneos
-
- 40** Em meio à pandemia, vai ter Novo Ensino Médio?
-
- 42** Impactados pela pandemia, professores apostam no empreendedorismo
-
- 44** O desafio das *fake news* na infância

ARCO 43

EM REVISTA



Editora do Brasil

Junho de 2021 | n° 5

Ensino híbrido: os desafios e as oportunidades da metodologia

Por que este termo tem significado amplo e quais são suas verdadeiras aplicações? Especialistas esclarecem essas e outras questões sobre métodos *online*, remotos e presenciais

O abandono paterno e suas consequências para a infância

Marcos Piangers fala sobre a necessidade de reconhecer a problemática

pág. 28

Educação Infantil em tempos extraordinários

Quais foram os impactos da pandemia entre os alunos desta faixa etária?

pág. 30

Em meio à pandemia de Covid-19, vai ter Novo Ensino Médio?

Entenda o que preveem a BNCC e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

pág. 40